Ano 19.º — Sabado, 17 de Abril de 1926 — N.º 922

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO
Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Lavradores, ouvi!

Está latente a enorme crise que vinha ameaçando a Lavoura.

A ruina da Lavoura é um facto em breve e quem diz da Lavoura diz, consequentemente, da economia nacional.

Se a Lavoura não faz os justos interesses a que tem direito, sofre a industria, sofre o comercio e, como consequencia, vai sofrer enormemente o Tesouro Publico.

Mas ainda será tempo de salvar da derrocada que, iminente, se avisinha, a principal base de toda a vitalidade humana?

E', se a Lavoura Nacional quizer. Para isso basta que acorde e ouça este grito estridente, dum patriotismo invulgar, soltado pelos grandes mestres da agricultura e que tem ecoado em todos os recantos de Portugal—Lavradores, associai-vos!

E' preciso evitar o mais possivel o intermediario, que é o maior inimigo da agricultura — eis o caso.

Nada ha que justifique a subida constante dos elementos da terra neste periodo em que o cambio, estacionario, não podia oferecer motivo para duvidas e no entanto foi notavel a subida do adubo quimico precisamente na altura em que o lavrador teve de vender o produto da colheita anterior por preço inferior ao da produção, começando assim a sua ruina.

Para este, sim, é que deviam os altos poderes do Estado volver todas suas atenções.

Para este, sim, que não para a alta finança, deviam os poderes publicos legislar no sentido de conceder-lhe toda a protecção, garantindo-lhe até, de harmonia com o custo da produção, não só mercado para os seus produtos como um preço remunerador.

A Lavoura tem mais a patriotica qualidade. A de, não amealhando capitaes para colocar em Bancos estrangeiros, como a maioria dos nossos *patriotas* faz, os empregar quasi sempre em melhorias das suas propriedades, provendo-as de meios de irrigação, vedações, etc., ou então estabelecendo naturalmente a lei da oferta e procura, o que drena para os cofres do Estado, por meio da contribuição de registo por titulo oneroso, as fabulosas somas que superfluamente se consomem pelos varios ministerios a que preside a mais completa desorganisação.

Certos de que da associação da Lavoura resultaria para o país uma éra de grandêsa incomparavel, visto da sua interferencia nos negocios do Estado muito haver a esperar, atendendo ás faculdades de trabalho dos seus principais apostolos, aliadas a sãs inteligencias e honradissimas consciencias, não queremos deixar de acompanhar aqueles que, dum extremo ao outro de Portugal, bradam a toda a hora—Associai-vos, lavradores!

E acreditae que só assim, num futuro mais ou menos proximo, podereis vêr aniquilados, feridos mortalmente, os vandalos que, tendo posto este desgraçado país em almoeda, ainda o escarnecem, banqueteando-se numa bacanal depravada e insolente, á vossa mesa, á permanente mesa-posta desta Patria que, apezar de tudo, ainda tem a defendê-la o vosso braço e o vosso arado.

Lavradores: associai-vos!

A. L.

Dr. Elias Fernandes Pereira

... E apagou-se. Ao cabo de 89 anos de existencia e de mais de sessenta de professorado em que o seu talento se afirmou com inexcedivel pujança, apagou-se.

A doença havia-o sequestrado já ao convivio da sociedade, mas nem por isso o dr. Elias Pereira deixava de ser lembrado e o seu nome muitas vezes citado quer no liceu, de que foi ornamento, quer nas conversas dos que com ele privaram e lhe apreciaram as qualidades.

Com a morte do velho professor, desaparece, pois, uma das maiores capacidades da nossa terra. Mais: desaparece um cidadão respeitavel, uma individualidade que manteve com tanta firmesa o seu amor ao trabalho, que bem a poderemos citar como um exemplo de abnegação, de perseverança, de acrisolado labor.

Mas o dr. Elias Pereira não se destacou só no magisterio, não. Um dia a politica local impoz-lhe o sacrificio de ir á Camara e ele aceitou. Aceitou porque, havendo no seio do seu partido (o progressista) quem o andasse a comprometer, indo o escandalo até ao ponto de desviar fundos do municipio, se impoz a obrigação de o sanear embora previamente soubesse quanto isso lhe custaria. Não trepidou, contudo, e seguindo o caminho recto do dever, facil lhe foi conquistar as simpatias de toda a gente honesta do concelho, os aplausos daqueles que vinham pugnando por uma administração escrupulosa, cuidada, inteiramente diversa da que era inerente a determinado grupo, que desde logo lhe assestou as baterias, pretendendo desaloja-lo. Foi esse, talvez, um dos mais agitados periodos da politica citadina, porventura a época em que se registaram atitudes de maior relêvo, de mais altiva independencia. Por sobre o dr. Elias Pereira caíu um chuveiro de improperios, de injurias, de blasfemias, tudo urdido para desviar atenções, mas de nada valeu porque a austeridade do homem chamado a gerir os interesses municipaes estava acima de todas as suspeitas, ao abrigo de todas as calunias. Sem embargo, o dr. Elias andou para a frente e, marcando posição, conseguiu para o seu nome uma aureola que desejâmos não fique no olvido ao prestar-lhe a

derradeira homenagem de consideração, respeito e apreço em que era tido pela população aveirense.

* * *

A este episodio da vida do dr. Elias tencionavamos nós acrescentar os principaes topicos da sua longa carreira de professor. Pela bôca, porém, do reitor interino do liceu, sr. dr. José Tavares, junto do cadaver do ilustre extinto, foi traçada com tanta nitidez a biografia do mestre que basta reproduzir esse discurso para ficar tudo dito ácerca do homem de sciencia que Aveiro acaba de perder, mas cuja memoria ficará ligada á instrução por forma a nunca mais ser esquecida.

Eis como se exprimiu o sr. dr. José Tavares:

Meus senhores:

O homem cujo cadáver agora vimos acompanhando á última jazida foi professor do liceu desta terra durante cincoenta e seis anos e secretário do mesmo durante quarenta e um. Formou-se em medicina aos vinte e três, entrando para o magistério secundário dois anos depois e exerceu o ensino, quási ininterruptamente, até os oitenta e quatro, ou seja até Março de 1921. Desaparece com oitenta e nove anos, feitos dias antes de a morte o arrebatar. Eis as palavras que a seu respeito qualquer jornal poderá ámanhã inserir em suas colunas, ao referir-se ao passamento do homem que se chamou Elias Fernandes Pereira.

Mas a biografia do dr. Elias, como êle era geralmente designado, ou do *Elias*, como lhe chamavam os rapazes do Liceu, não pode cifrar-se na citação sêca daquelas datas. Acêrca do professor há algo a dizer, e eu, como seu antigo aluno, como colega que fui dêle durante cinco anos lectivos, como reitor interino do estabelecimento de instrução onde êle gastou o melhor da sua vida, e ainda como amigo, sou obrigado a prestar-lhe aqui a homenagem de meia dúzia de palavras, justas e oportunas.

Meus senhores!

O dr. Elias Fernandes Pereira foi considerado sempre *o terror* do nosso liceu. O seu nome era conhecido de norte a sul do país, como o do professor que *reprova*. Quer em Aveiro, no seu liceu, quer nos liceus de outras cidades em júris de exames de que fez parte, a sua linha de conduta como professor era inalterável: dos alunos que êle interrogava era sempre grande a percentagem dos excluídos e dos reprovados. Daí, a fama que grangeou. Corria que era *mau*, que reprovava por prazer, e que era injusto.

Neste momento solene, em que o que dêle resta vai desaparecer para sempre, é necessário

(Continua na 2.ª pagina)

A hora legal

Unica e exclusivamente por causa das ligações ferro-viarias internacionaes, volta este ano a dança da hora nova e hora velha, visto já ter sido assinado um decreto que manda adeantar os relogios 60 minutos desde hoje ás 23 horas até 4 de outubro proximo.

Mas porque não altera a Companhia dos Caminhos de Ferro o horario dos seus comboios de maneira a evitar que o país inteiro seja obrigado a sofrer por via duma insignificante minoria? Não será isso mais justo, mais racional?

Como ainda acham pequena a confusão que por cá vai...

IMPRENSA

"O PORVIR,,

Entrou no 20.º ano de publicação este nosso colega de Beja, que, sob a proficiente direcção de Oliveira de Almeida, defende os principios republicanos desde o primeiro numero com notavel brilho.

Felicitamo-lo cordealmente.

"GAZETA DE ESPINHO,,

Tambem atingiu o 21.º ano da 2.ª série este semanario de que foi fundador o saudoso medico dr. Pinto Coelho e agora advoga a politica democratica dirigido pelo sr. dr. José Salvador.

Os nossos parabens.

"O MUNDO,,

Reapareceu na quinta-feira sob a mesma direcção do sr. Urbano Rodrigues e disposto a continuar na defesa da politica do sr. José Domingues.

Cumprimentamo-lo.

A moda

A propaganda que o chefe supremo da Igreja—o Papa—tem feito contra as actuaes modas femininas, condenando o decote, os braços nús e as pernas ao léu, a verem-se até o joelho, acaba de obter da rainha Victoria, de Espanha, o seu franco apoio, segundo os jornaes anunciam, pelo que todas as mulheres espanholas, em obediencia á sua soberana, vão usar vestidos confeccionados de tal forma que nunca mais permitam aos olhos dos homens poderem vêr o que antigamente só... idealisavam...

Resta-nos a consolação de em Portugal já não haver rainha, propriamente dita, e por isso deixar essa influencia poderosa de ter quem a ela se submeta.

Estão livres as nossas elegantes!

E sendo assim, viva o progresso!

Viva o nú!

Barbaridade

Ha uns quinze dias que a imprensa de Lisboa e Porto se está ocupando dum assassinato ocorrido na primeira daquelas cidades, assassinato a principio envolto no maior misterio, mas que agora se veio a saber quem o praticou e as razões que o determinaram.

Trata-se da popular actriz Maria Alves, cujo cadaver, aparecido no caminho da sua residencia completamente despojado de valores, trouxe a policia desnorteada, enquanto os jornaes faziam em volta do caso grande alarido a ponto de apaixonarem a opinião publica que, interessada, mostrava todo o empenho na descoberta do assassino.

Por fim tudo se esclareceu. O algoz de Maria Alves foi o empresario de teatro Augusto Gomes, seu amante.

O que os jornaes narram da conduta desse homem é de arripiar.

O que essa besta humana fez durante o tempo que trouxe acorrentada aos seus caprichos a infeliz a quem, por ultimo roubou a vida, é de nos levar a pedir que seja novamente instituida a força em Portugal.

Sim. Porque para um bandido da natureza de Augusto Gomes só a força ou coisa semelhante.

Póde haver gente perversa, de pessimos instintos, mas com os requintes de malvadez, de baixesa moral, de perfidia de que deu provas o assassino da infeliz mulher raro aparece.

Augusto Gomes não merece comiseração alguma porque toda a sua vida é um sudario de miserias. Se houvesse justiça em Portugal ha muito deveria estar a ferros e ter-se-hia evitado mais este crime hediondo, revoltante, por tantos motivos digno de um castigo maior do que a prisão.

Para uma féra destas, para um monstro assim não ha artigo nenhum nos nossos codigos capaz de satisfazer a sociedade no dia do ajuste de contas. Para uma féra destas, para um monstro assim, repetimos, só a força.

E é tanta gente da mesma opinião...

Um... pandego

Faz o giro dos jornaes a noticia do falecimento, em Espanha, dum individuo de 80 anos, possuidor de avultada fortuna, e que, dias antes de morrer, fez um contrato com a agencia funeraria, escolhendo as corôas que haviam de depôr no feretro e indicando a banda de musica que o havia de acompanhar ao cemiterio, tocando *paso-dobles*, precedida dum rancho de raparigas desnalgando-se ao crepitar de castanholas.

Pelo alegre moribundo foi ainda ajustado um celebre grupo chamado dos *Marinheiros*, que costuma tomar parte nas tradicionaes festas de *Mouros e Cristãos* e cujos componentes se obrigaram a envergar os trajes proprios das referidas festas.

O terpsicorico octogenario mais dispoz que o seu corpo fosse envolto num *manton* de Manilla e que, ao chegar o cortejo ao cemiterio, a musica tocasse peças susceptiveis de serem dançadas afim de toda a comitiva ser obrigada a tomar parte no bailarico.

Antes de morrer, pagou, com larguêsa, todas as despesas, ficando o filho encarregado de cumprir quanto havia ordenado e tambem de abrir a adega a toda a gente que quizesse beber, pelo que foi um verdadeiro dia de festa para a povoação e logares circunvisinhos donde vieram todos os habitantes assistir ao original enterro.

Imaginem que Castilia ficava aqui perto; por exemplo: entre Esgueira e Mataduços.

Um brodio para o *Bébes* e o amigo *cabo Bico*...

DR. ELIAS PEREIRA

(Continuação da 1.ª pagina)

reduzir aos devidos termos a acusação e fazer justiça àquêle que nunca quis defender-se convenientemente dos seus detractores.

Todo o indivíduo que tem a missão de *julgar*, seja professor, seja magistrado, seja chefe duma repartição ou serviço, e nesse julgamento procede a direito, dentro da justiça, ou do que como tal se lhe apresenta ao espírito,—tem sido, é, e ha de ser sempre em Portugal, enquanto o nosso feitio se não modificar, um *mau* professor, um *mau* juiz ou um *mau* chefe. *Bons*, na nossa terra, são os que, por comodismo ou por conveniências de qualquer espécie, tudo deixam correr, pensando-lá consigo que ninguém os encarregou de endireitar o mundo e que a porta deve ser fechada por quem vier atrás. Assim olhado e apreciado, o dr. Elias foi realmente muito mau. Era exigente, queria que os seus alunos ou os examinandos soubessem, e nos seus julgamentos foi sempre implacável. Apreciou em exames centenas, milhares de estudantes. Durante os cincoenta e seis anos do seu magistério conheceu um sem número de caracteres. Nem todos podiam ser bons estudantes. Há-os sempre maus, há-os sempre péssimos.

Tinha defeitos? Tinha, como todos nós, porque ninguém é perfeito.

Fui seu aluno. Fui seu colega. Como aluno e como colega, nunca notei que a justiça fôsse ultrajada nas suas mãos. Reconheci sempre nêle a ânsia da justiça, o desejo de premiar o estudo ou a inteligência e de excluir inexorávelmente os cábulas e os incompetentes. As suas vítimas, é natural, revoltam-se. Mas a muitos alunos—e alguns estão a ouvir-me—vi eu fazer justiça ao velho professor, quando, resolvendo-se a estudar, obtiveram, com a aprovação, a amisade do mestre, que até aí haviam considerado um carrasco.

Era mau professor? Era mau pedagogo? Como professor, especialmente de matemáticas elementares, tôda a gente sabe que era competentíssimo e que estava a par da orientação moderna dessas sciências.

Tem-se discutido muito o seu modo de ensinar. Propriamente como pedagogo, o seu defeito consistia em não saber graduar o processo didáctico: ensinava aos principiantes como aos mais adiantados, empregando exclusivamente o método socrático da redescoberta da sciência. De forma que com êsse método dirigia-se principalmente à inteligência do aluno, sem se preocupar com outra coisa que não fôsse o desenvolvimento dela. A matemática era para êle uma sciência puramente especulativa. Os seus alunos, ao transitarem para outros liceus, distinguiam-se pela precisão do raciocínio, mas eram inferiores na aplicação prática da sciência.

Outro defeito dêsse professor era fazer os exames como se na aula estivesse: tomava um assunto e dêle não saía, o que poderia dar em resultado, e por certo alguma vez sucedeu, reprovar alunos que, explorados noutros pontos da matéria, se mostrariam dignos de aprovação.

Eis os defeitos de professor, do homem cujos restos mortais aqui viemos acompanhar.

Foi um professor competentíssimo que sempre procurou ser justo, embora algumas vezes se enganasse, porque... *errare humanum est*.

Teve um amor sem limites á profissão que abraçou: quando preleccionava, nunca ouvia o toque de saída, e muitas vezes os alunos abandonavam as aulas quando nelas deviam entrar de novo.

Deixou o seu posto sómente quando a doença o prostrou de vez. Pode, por isso, ser tomado como o protótipo do funcionário que cumpre.

A nós, os que queremos contribuir para a criação dum Portugal maior; a todos os que trabalhamos para dar á Pàtria cidadãos capazes de ámanhã a dignificar e honrar; a nós, os que escolhemos uma profissão das mais espinhosas e inglórias—cumpre-nos venerar a memória dêste homem; e vós, antigos alunos do dr. Elias, não deixareis de reconhecer comigo que o nos so antigo mestre foi possuídor de qualidades que deixam numa sombra espêssa os seus defeitos.

Que descanse em paz o nosso velho e saüdoso mestre!

A seguir, o sr. Joia de Noronha disse tambem:

Senhores:

São os homens com as suas bôas e más acções, são os homens que marcam as épocas do nosso passado, a legenda da nossa vida. Todo aquele que oblitera as pessoas com quem viveu, os vultos que lhe foram companhia, os professores que lhe ministraram o ensino,levado por um radicalismo egoísta e desprendido, esse decai na apatia das paixões, renegando o passado, e com êle a familia e as amizades, tudo o que o ajudou a formar, a ser homem, a criar a própria ideia do futuro. O dr. Elias é uma tradição em todos nós, os presentes. Como nenhum outro professor talvez, êle marca uma época na nossa vida de estudante. E' que o seu espirito matemático, penetrante, analitico, turbilhonado pela equação dos números, embaraçava então a nossa inteligência ainda imbele. Era, pode dizer-se, a tortura dos nossos estudos. Só hoje porém, só hoje decorridos anos sôbre esses outros anos, tão formosos e tão fugazes, é que eu reconheço quanta inteligência e quanta argúcia tinham as lições do dr. Elias, desse dr. Elias que nós não compreendiamos. A sua paixão matemática levava-o a vêr em todos nós uns tantos outros matemáticos intuitivos. Ele não compreendia, disse-me uma vez, como o jôgo dos números e das linhas,sendo tão simples, era contudo aborrecido pela maioria.

O dr. Elias assim foi quási sempre incompreendido. Já incompreendido e esquecido vivia o seu cérebro nesta pequenina terra de Aveiro.

Como a maioria desses talentos obscuros que ninguém conhece e ninguém descortina, minguados pela simplicidade do viver ou pelo restrito do meio, a inteligência do dr. Elias, possante e ricamente matemática, estiolava, póde dizer-se, nos afazeres quotidianos da sua profissão, admirada sim, mas não compreendida pelo povo desta cidade.

Mas para que louvar inteligências eu, o menos intelecto e o mais obscuro dos que aqui estão.

Só poderei pois falar do homem, e esse todos os conhecem. Mas sobretudo, o que me leva a vir aqui, a erguer tibiamente a minha voz fraca, é a gratidão que o convivio do dr. Elias me produziu, é a saüdade desses tempos tão mal aproveitados por mim, é a representação do meu curso, hoje quási todo ausente, que durante 7 anos, de 1912 a 1919, fui seu discipulo.

Sôbre o seu ataúde, desfolhamos as vivas saudades do nosso coração e nele encerra-se um pedaço da nossa vida de liceais.

Notas Mundanas

Fazem anos: no dia 19, o sr. Antonio Osório e no dia 21, o sr. dr. Carlos Alberto Ribeiro, considerado clinico em Eixo.

— Teve a sua délivrance, dando á luz uma creança do sexo feminino, a esposa do sr. Visconde da Granja.

— Realisou-se no domingo o casamento da prendada tricaninha Rosa das Neves Rocha com o sr. Henrique Simões da Silva, tendo testemunhado o acto a sr.ª D. Maria do Carmo dos Santos Guimarães e o sr. Henrique dos Santos Rato.

— Tambem no mesmo dia se consorciou com o sr. Francisco Simões da Silva a interessante tricaninha Conceição Neves, servindo de padrinhos a sr.ª D. Conceição dos Santos Rato e o sr. Antonio Caçola.

Muitas venturas.

Sport

Por resolução da Associação de Foot-ball de Aveiro deve ámanhã ter logar no Campo do Bessa (Porto) o final do seu campeonato que é disputado entre o *Club dos Galitos* e o *Sporting Club de Espinho*.

O jogo iniciar-se-ha ás 15 horas, constando-nos que vão daqui muitos amadores assistir.

Asílo de cegos

Deve visitar brevemente esta cidade o Asilo de Cegos Antonio Feliciano de Castilho, de Lisboa, cujos internados mostrarão, no teatro, o que naquele instituto teem aprendido além da educação que lhes é ministrada.

Os aveirenses, decerto, não deixarão de acolher os ceguinhos como merecem.

Quem acode?

Ao alto de S. Bento, um pouco ao sul da Costa do Valado, a estrada acha-se de tal maneira cortada que na quarta-feira se precipitaram no barranco dois carros que só ao cabo de muitissimo trabalho puderam de lá saír com os respectivos animaes.

Quem acóde?

Sr. Director das Obras Publica: vá ver o que se passa e ordene imediatas providencias porque aquilo assim está feio e perigoso.

Entre Lisboa e Sevilha

Com feliz exito, foram na quarta-feira inauguradas as carreiras aereas entre a nossa capital e a linda cidade espanhola, tendo sido utilisado para isso o grande aparelho *Junkers*, que ha mezes veio ao Porto, e faz o enorme percurso em pouco mais de duas horas.

Uma maravilha.

Necrologia

Aos estragos da tuberculose, faleceu na quarta-feira o sr. João de Almeida, serralheiro, que contava apenas 25 anos de idade.

Muito trabalhador e honesto, era filho do sr. Fernando de Almeida, sendo a sua morte muito sentida por todos quantos o conheciam.

A' familia enlutada os nossos pêsames.

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra..........	94$50
Franco	$72
Dollar..........	19$35

Agradecimento

Francisco Augusto Duarte vem por este meio tornar publico o seu agradecimento a tôdas as pessoas que se interessaram pela sua grave doença. Está convencido que já agradeceu a todos pessoalmente, mas sendo natural que tenha cometido alguma falta, vem por este meio resalva-la.

Muito especialmente deseja manifestar a sua gratidão ao distinto clinico e seu médico assistente Ex.mo Dr. Lourenço Peixinho, pela dedicação, pelo carinho e verdadeira competência com que o tratou, não tendo duvida em acreditar que a ele deve a sua salvação.

Incidente

Do sr. Egas Salgueiro recebemos a seguinte carta:

Ao Sr. Director de *O Democrata*.—Para ilucidação do público sôbre um incidente criado por o sr. Francisco H. Cristo, Presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, e a classe dos armadores de navios do comércio e de pesca, que eu na mesma Junta represento, agradecia o favor de publicar nêsse jornal os dois inclusos documentos.

De V. etc.

11-4-926.

EGAS SALGUEIRO

Aveiro, 27 de Março de 1926.

Il.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

Aveiro.

Ex.mo Sr.

Segundo a alinea *b)* do § 2.º do Artigo n.º 1, do Decreto n.º 9324 que aprovou o Regulamento que rege essa Junta, fui eleito para seu vogal, como representante dos armadores de navios de pesca e comércio, com registo na Capitania do Pôrto de Aveiro.

Como é do conhecimento de V. Ex.a e de todos os dignos membros que constituem a referida Junta, não há actualmente em Aveiro, navios de comércio e nem tão pouco de outras pescas que não seja a do bacalhau, pelo que se poderá dizer que sou o representante da respectiva classe ou o Delegado da Associação de Classe dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, que tem a sua sede em Aveiro.

E nessa qualidade, vi com grande desgôsto que, V. Ex.a não tem por ela a consideração a que tem jus, não só pela importância da sua indústria, que tanta soma de dinheiro faz girar no comércio desta praça, sendo hoje a mais importante indústria local, mas também pelas receitas que tem dado à Junta, durante os anos de 1923-24, 1924-25 e 1925-26, perfazendo talvez um total aproximado de duzentos e cincoenta mil escudos.

V. Ex.a no n.º 446, de 21 do corrente de *O de Aveiro*, jornal de que V. Ex.a é proprietário, director e editor, no artigo que tem por titulo «Junta Autónoma», referindo-se aos armadores de navios de bacalhau, é injusto nas apreciações das suas qualidades, e V. Ex.a como Presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, poz assim em cheque a respectiva classe e por conseqüência o seu representante nessa Junta.

V. Ex.a deve lembrar-se que não só em conversa particular que tivemos, mas também por comunicação que fiz na penúltima sessão da Comissão Executiva, eu afirmei que a Associação de Classe dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau, estava elaborando uma representação para ser entregue ao Parlamento, em que entre outras medidas que reputava urgentes para a protecção a esta indústria, indicava a redução de 50 °|o ao actual imposto cobrado por essa Junta, e isto a-pesar-de na proposta de lei apresentada pelo Ex.mo Ministro do Comércio à sanção do Parlamento, este impôsto ser completamente banido.

Já vê V. Ex.a que esta classe, sabe perfeitamente, por onde é e como é que há de ir buscar o bacalhau aos Bancos da Terra Nova, e tanto assim é, que ainda em 1923, não estando aprovado o Regulamento da Junta e, portanto, incobráveis as suas receitas, esta classe generosamente acolheu o apêlo, que pelos membros que então constituíam a Junta lhe fôra feito, concorrendo com a quantia de cincoenta mil escudos para os cofres da Junta, como um donativo, evitando por esta forma a paralização por completo das obras em execução.

Esta indústria não pode hoje arcar com o pêso de tantos impostos, pois que desde 1923 que vem sofrendo tão graves prejuizos, que tendo seguido dêste pôrto para os Bancos da Terra Nova em 1923 vinte e dois navios, em 1924 só seguiram 20, em 1925 15 e êste ano apenas irão 10, devendo ser do conhecimento de V. Ex.a que é apenas neste pôrto, que é pago êste tributo à Junta, pela entrada de bacalhau.

E assim a continuar, desaparecerá esta tão necessária indústria, o pôrto de Aveiro perderá quási por completo o seu valor, o comércio local verá reduzida uma grande parte do seu movimento e será mais uma grave crise a juntar a tantas que já pesam sôbre a economia do país.

Pregunto eu a V. Ex.a: será preferível á Junta vêr reduzidas as suas receitas que cobra á indústria da pesca do bacalhau, mas concorrendo para a sua manutenção e talvez desenvolvimento e por conseqüência manter o desenvolvimento do seu

Chapeus para senhora

Camila Ferrari Tavares, *já tem em exposição na* **ELEGANTE**, *de Pompeu da Costa Pereira, os ultimos modelos que comprou em Paris para a estação de verão.*

Ver preços.

---

pôrto, ou vêr esta indústria perfeitamente aniquilada, trazendo atrás de si gravíssimos prejuizos para o comércio local?

São, pois, perfeitamente injustas as apreciações que V. Ex.ª faz em *O De Aveiro* á classe que represento, apreciações que bastante me magoaram e que não correspondem aos sacrifícios materiais por ela feitos em prol da Junta pelo que não me é possível continuar a fazer parte de tão útil corporação e, assim, peço a V. Ex.ª a demissão do lugar de Secretário, e de membro da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

Reservando-me o direito de tornar público êste ofício, apresento a V. Ex.ª e aos demais membros que constituem essa Junta, os meus mais altos protestos de consideração.

De V. Ex.ª

Muito At.º e Ven.ºr

EGAS SALGUEIRO

=

Aveiro, 8 de Abril de 1926.

Il.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Junta Autónoma da Barra e Ria de Aveiro.

Os armadores de navios de pesca de bacalhau, da Gafanha, Ilhavo e Aveiro, que teem os seus navios registados na Capitania desta cidade e que são actualmente os únicos armadores de navios dêste pôrto, em reunião que hoje tiveram, tomaram conhecimento do incidente havido com o s/ representante nessa Junta e deliberarem apoiar a s/ atitude, por ser a única a tomar em face da afronta recebida, e manifestar ao Ex.mo Sr. Egas Salgueiro a sua satisfação por ter procedido com a devida correcção, dignidade e nobreza, conforme as circunstâncias exigiam.

Escusado será lembrar a V. Ex.ª a atitude desinteressada que esta classe tem tomado em favor da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, quer já contribuindo voluntáriamente com subsídios para os seus cofres, quer representando ao Parlamento para que o impôsto actualmente cobrado por essa Junta, sôbre a entrada do bacalhau, seja reduzido a 50 %, indo assim de encontro aos desejos do Ex.mo Ministro do Comércio, que pretendia por completo eliminá-lo.

E' em Aveiro, o único pôrto em que êste impôsto é cobrado, e é de completa justiça reduzi-lo, minorando assim os grandes prejuizos que esta indústria está sofrendo, além de que estas medidas impõem-se sempre que as necessidades exigem, não só para a manutenção da indústria em crise, mas também para que as receitas dos impôstos, embora diminuam, não cessem por completo.

As conseqüências fatais, que com a paralização por completo da pesca do bacalhau, viriam para a própria Junta e para o comércio da região devem ser tomadas na devida consideração, pois, hoje, a razão única da existência do pôrto de Aveiro, é o movimento dos navios da pesca do bacalhau.

Esta classe, da forma como tem contribuido, em benefício dessa Junta, pondo acima dos seus interesses particulares o benefício desta região, merecia bem mais elogios do que insultos.

Repele-os, pois, com energia, declarando dar todo o seu apoio ao seu representante, e manter em aberto o conflito por V. Ex.ª provocado com esta classe.

Apresentam a V. Ex.ª e aos demais dignos Membros que constituem essa Junta, os seus protestos de consideração, reservando-se, de tornarem público êste ofício, na devida oportunidade.

De V. Ex.ª

Am.os e Mt.º Ven.es

Pela Empresa Condestável, L.da
Testa Junior

Pela Empresa de Navegação e Exploração de Pesca, L.da
Jeremias Vicente Ferreira

Pela Empresa Portugalia, L.da
Manuel Fernandes Caleiro

Pela Empresa Industrial Pardilhó, L.da
Samuel Maia

Por António José dos Santos, L.da
Albano Pinheiro

Por Ribaus & C.ª, L.da
Manuel Nunes Ribau

Pela Sociedade Bons Amigos, L.da
Francisco Pereira Ramalheira

Pela Sociedade Infante de Sagres, L.da
Alberto Ferreira Martins

Por António José dos Santos
António José dos Santos

Por Bagão Nunes & Machado, L.da
José Marques Sobreiro

Pela Sociedade Ilhavense Turuno, L.da
António Agra

Por Ribaus, L.da
Manuel Ribau

Por Cravo, Vilarinho & C.ª, L.da
Manuel Cravo

Por Teiga, Vilarinho & C.ª, L.da
José Maria Vilarinho

Continuação de leilão

A'manhã, domingo, 18 do corrente, á 1 hora da tarde

No antigo armazem de bacalhau, sito na Nova Avenida, junto á Padaria Bijou.

Mobilias de quarto, de casa de jantar, de escritorio, de verga, cofres á prova de fogo, maquina de escrever, bicicleta, 2 motas Triunfo, *livros e outros objectos de uso comum, escriptorio e armazem.*

Pratas, louças e cristaes.

Estes objectos serão postos em leilão por metade do preço porque foram avaliados.

Leilão de penhores

No dia 23 de Maio proximo e domingos seguintes leilão de penhores com 3 mezes de atraso de juros, da casa de penhores desta cidade de João Mendes da Costa.

O leilão realisar-se-ha na R. Eça de Queiroz, 36.

Ficam assim prevenidos os srs. mutuarios.

O Democrata, *vende se na Arcada juntamente com os jornaes de Lisboa*

Fabrica Ceramica e Serração de Quintans

Duarte Tavares Lebre & Comp.ª

Costa do Valado--Quintans

Tabela de preços s/ wagon em Quintans

TELHA MARSELHA			TELHA ALTKIRCH		
1.ª	Mil	530$00	1.ª	Mil	750$00
2.ª	»	500$00	2.ª	»	700$00
3.ª	»	400$00	3.ª	»	450$00
4.ª	»	250$00	4.ª	»	300$00

Cumes lisos de comprimento 0,50

1.ª cada 1$20 — 2.ª cada 1$10

3.ª cada $80

Cumes terminaes

De piramide 4$00 — De canto 3$00

Guieiros ou cruzetas

De 3 hastes 5$00 — De 4 hastes 6$00

Piramides

N.º 1	0,40	6$00	N.º 5	0,75	12$00
N.º 2	0,48	8$00	N.º 6	0,57	14$00
N.º 3	0,60	9$00	N.º 7	0,73	15$00
N.º 4	0,67	10$00	N.º 8	0,90	16$00
			N.º 9	0,90	20$00

Claraboia, tipo M. ou A. Cada 4$00

Lares para fornos

0,30X0,30X0,03	cada	1$50
0,22X0,22X0,03	»	1$10
0,40X0,30X0,04	»	2$50

Tijolarias diversas

Massiço	0,22X0,11X0,06	Mil	100$00
Prensado	0,22X0,11X0,06	»	140$00
»	0,22X0,11X0,04	»	130$00
2 furos	0,22X0,22X0,06	»	100$00
3 »	0,30X0,15X0,08	»	300$00
3 »	0,30X0,15X0,05	»	225$00
Curvo para chaminé		»	150$00

CONDIÇÕES DE VENDA

Preços sem compromisso

Os materiaes transitam de c/r do cliente, sendo de sua responsabilidade faltas ou avarias em transito. Todas as liquidações são efectuadas no n/ escritorio, sendo, portanto, a entrega das mercadorias na nossa fabrica ou na estação de Quintans s/ wagon.

Descontos aos revendedores

Quintans, 5 de Março de 1926.

Duarte Tavares Lebre & C.ª

NOTA IMPORTANTE:

A nossa telha de 3.ª e 4.ª equivale respectivamente á telha de 2.ª e 3.ª de outras fabricas.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

4.ª emissão de 50.000 obrigações do valôr de 100$00

e

juro de 10 0|0

Estas obrigações são amortisadas no prazo maximo de 25 anos pelo seu valor nominal, por meio de sorteios semestrais e com os seguintes premios:

Nos primeiros 25 semestres		Nos seguintes semestres	
1 premio de Esc.	*30.000$00*		
1 premio de Esc.	*5.000$00*	*1 premio de Esc.*	*15.000$00*
4 premios de Esc.	*1.000$00*	*100 „ de Esc.*	*100$09*
100 „ de Esc.	*100$00*		

Está aberta a subscrição ao preço de 100$00 em prestações de 25 0|0, vencendo o juro de 10 0|0 as quantias entregues por conta.

O 1.º sorteio da emissão realisa-se em 23 de Agosto de 1926.

As tres primeiras emissões destas obrigações esgotaram-se totalmente.

Subscreve-se no

Banco Regional de Aveiro

representante em Aveiro

DA

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Vende-se

Casa com primeiro andar e r/c devoluta, no melhor local de Esgueira, com electricidade e agua.

Facilita-se o pagamento.

Informa na Praça do Peixe n.º 5 (Loja)—Aveiro.

Ilha Privada

Vende-se a parte da *Ilha Privada*, na ria de Aveiro, quinhão da Bôa Vista e Cordão da Bôa Vista, que foi do falecido sr. Jorge de Faria e Melo.

Quem pretender dirija-se ao advogado Jaime Duarte Silva—AVEIRO

Telha

Vendem-se cerca de cinco milheiros de telha, tipo antigo. Tratar na rua do Gravito n.º 43—rez do chão.

Estabelecimento

Trespassa-se um, no melhor local da cidade, constando de mercearia por junto e a retalho, vinhos e comidas.

Para informações na *Antiga Casa Gamelas*, Praça do Peixe—Aveiro.

Predio

Vende-se um assim como a padaria que lhe está anexa.

Tem quintal, frutas, vinha para 35 almudes, 2 poços, pocilgas para creação, etc.

Quem pretender dirigir-se ao mesmo na Rua do Gravito n.º 11

Comarca de Aveiro

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 25 do corrente mez de Abril, ás 12 horas, nesta cidade de Aveiro, estrada da Barra, e casa da fabrica da «Empreza Comercio e Industria, Limitada», vão á praça para serem vendidos a quem mais oferecer sobre a avaliação, diferentes moveis, madeiras e generos de mercearia, arrolados no processo de falencia requerido por Alfredo Moreira, casado, lavrador, de Sôsa, comarca de Vagos e por José de Almeida Lopes, casado, comerciante e proprietario, de Vizeu, contra aquela «Empreza Comercio e Industria, Limitada», sociedade por quotas, com séde nesta cidade, e pertencentes a esta falida.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos, para uzarem, querendo, dos seus direitos.

Aveiro, 13 de Abril de 1926.

Verifiquei

O Juiz Presidente do Tribunal do Comercio,

Souza Pires

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo